

RICARDO PIGLIA

# Alvo noturno

*Tradução*  
Heloisa Jahn



Copyright © 2010 by Ricardo Piglia, Barcelona  
c/o Guillermo Schavelzon & Asoc., Agencia Literaria [[www.schavelzon.com](http://www.schavelzon.com)]

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Blanco nocturno

*Capa*

Flávia Castanheira

*Foto de capa*

George Bailey/ Shutterstock/ GlowImages

*Preparação*

Ieda Lebensonstayn

*Revisão*

Márcia Moura

Carmen S. da Costa

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Piglia, Ricardo

Alvo noturno / Ricardo Piglia ; tradução Heloisa Jahn. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Blanco nocturno.

ISBN 978-85-359-1917-2

1. Ficção argentina I. Título.

11-06073

CDD-ar863

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura argentina ar863

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORASCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# 1.

Tony Durán era um aventureiro e um jogador profissional e viu a oportunidade de estourar a banca quando topou com as irmãs Belladona. Foi um *ménage à trois* que escandalizou o povoado e ocupou a atenção geral durante meses. Ele sempre aparecia com uma delas no restaurante do Hotel Plaza mas ninguém conseguia saber qual era a que estava com ele porque as gêmeas eram tão iguais que até a letra delas era igual. Tony quase nunca se deixava ver com as duas ao mesmo tempo, isso ele reservava para a intimidade, e o que mais impressionava todo mundo era pensar que as gêmeas dormiam juntas. Não tanto que partilhassem o homem, mas que partilhassem a si mesmas.

Não demorou e os comentários se transformaram em versões e conjecturas e ninguém mais falou de outra coisa; nas casas ou no Club Social ou no armazém dos irmãos Madariaga as notícias circulavam a todo momento como se fossem as informações do tempo.

Naquele povoado, como em todos os povoados da província de Buenos Aires, havia mais novidades em um dia do que em

qualquer cidade grande em uma semana, e a distância entre as notícias da região e as informações nacionais era tão abissal que os habitantes podiam ter a ilusão de viver uma vida interessante. Durán chegara para enriquecer essa mitologia, e sua pessoa atingiu uma altura legendária muito antes do momento de sua morte.

Seria possível fazer um diagrama com as idas e vindas de Tony pelo povoado, seu deambular sonolento pelas calçadas altas, suas caminhadas até as cercanias da fábrica abandonada e dos campos desertos. Em pouco tempo ele teve uma percepção da ordem e das hierarquias do lugar. As casas maiores e as mais simples se elevam divididas claramente em camadas sociais, o território parece organizado por um cartógrafo esnobe. Os povoadores principais moram no alto das ladeiras; depois, numa faixa de oito quadras, está o chamado centro histórico,\* com a praça, a prefeitura, a igreja e também a rua principal, com as lojas e os sobrados; por fim, do outro lado dos trilhos, estão os bairros baixos, onde morre e vive a metade mais obscura da população.

Com sua popularidade e a inveja que suscitou entre os homens, Tony poderia ter feito o que bem entendesse, mas o acaso, que na verdade fora o que o trouxera até aqui, foi sua perdição. Era extraordinário ver um mulato tão elegante naquele povoado de bascos e de gaúchos piemonteses, um homem que falava com o sotaque do Caribe mas parecia correntino ou paraguaio, um forasteiro misterioso perdido num lugar perdido do pampa.

\* O povoado se localiza ao sul da província de Buenos Aires, a trezentos e quarenta quilômetros da Capital. Fortaleza militar e local de assentamento de tropas na época da guerra contra o índio, foi fundado efetivamente em 1905, quando se construiu a estação ferroviária, delimitaram-se os lotes do centro urbano e distribuíram-se as terras do município. Na década de 40, a erupção de um vulcão cobriu a planície e as casas com um manto de cinza. Os homens e as mulheres se defendiam do pó cinzento com o rosto coberto com escafandros de apicultor e máscaras de fumigar os campos.

— Ele estava sempre contente — disse Madariaga, e olhou pelo espelho um homem que circulava, nervoso, com um rebenque na mão, pela adega do armazém. — E o senhor, comissário, aceita uma genebrinha?

— Pode ser uma grapa, mas não bebo em serviço — respondeu o comissário Croce.

Alto, de idade indefinida e rosto vermelho, bigode cinza e cabelo cinza, Croce mastigava pensativo um charuto Avanti enquanto caminhava de um lado para o outro dando pancadas nas pernas das cadeiras com o rebenque, como se quisesse espantar seus próprios pensamentos que engatinhavam pelo chão.

— Como é possível que ninguém tenha visto Durán naquele dia? — disse, e os presentes olharam para ele, calados e culposos.

Depois disse que sabia que todos sabiam mas que ninguém falava nada e que andavam inventando coisa só pelo prazer de procurar cinco patas no gato.

— De onde será que saiu essa expressão? — disse, e se interrompeu intrigado, pensando, e perdeu o rumo no zigue-zague de suas ideias, que se acendiam e se apagavam como vaga-lumes na noite. Sorriu e começou de novo a andar pelo aposento. — Como o Tony — disse, e se lembrou do que estava falando antes. — Um gringo que não parecia gringo mas era gringo.

Tony Durán havia nascido em San Juan de Puerto Rico e seus pais se mudaram para Trenton quando ele estava com cinco anos, de modo que se criara como um norte-americano de Nova Jersey. Da ilha ele só lembrava que o avô era galista e que aos domingos o levava para assistir às rinhas, e também se lembrava dos homens que cobriam as calças com folhas de jornal para evitar que o sangue que escorria dos galos lhes manchasse a roupa.

Quando chegou aqui e conheceu um rinhadeiro clandestino em Pila e viu os peões de alpargatas e os galinhos pigmeus botando banca na arena, começou a rir e a dizer que não era assim

que se fazia em seu país. Mas no fim se entusiasmou com a valentia suicida de um batará que usava os esporões como um boxeador canhoto peso leve usa as mãos para se soltar esmurrando do corpo a corpo, veloz, mortífero, impiedoso, buscando apenas a morte do rival, sua destruição, seu fim, e aovê-lo Durán começou a apostar e a se entusiasmar com a briga, como se já fosse um dos nossos (*one of us*, para dizê-lo como teria dito o próprio Tony).

— Mas ele não era um dos nossos, era diferente, só que não foi por isso que o mataram, e sim porque era parecido com o que imaginávamos que devia ser — disse, enigmático como sempre e como sempre um pouco irritado, o comissário. — Ele era simpático — acrescentou, e olhou para o campo. — Eu gostava dele — disse o comissário, e ficou estaqueado no chão, perto da janela, costas apoiadas na grade, perdido em seus pensamentos.

À tarde, no bar do Hotel Plaza, Durán costumava contar fragmentos de sua infância em Trenton, o posto de gasolina de sua família à beira da Route One, o pai que precisava se levantar de madrugada para abastecer um tanque porque um carro que se desviara da estrada estava buzinando e se ouviam risos e música de jazz no rádio e Tony ia até a janela meio adormecido e via os carros velozes caríssimos, com as louras alegres no assento traseiro, agasalhadas por seus casacos de arminho, uma aparição luminosa no meio da noite que se confundia — na memória — com fragmentos de um filme em preto e branco. As imagens eram secretas e pessoais e não pertenciam a ninguém. Ele nem sequer tinha certeza de que aquelas lembranças eram dele mesmo, e às vezes Croce sentia a mesma coisa em relação a sua própria vida.

— Eu sou daqui — disse de repente o comissário como se tivesse despertado — e conheço gato de tudo quanto é pelo e nunca vi gato de cinco patas, mas posso imaginar perfeitamente a vida daquele rapaz. Ele parecia vir de outro lugar — disse Croce calmo —, só que não há outro lugar. — Olhou para seu ajudan-

te, o jovem inspetor Saldías, que o seguia para toda parte e aprovava suas conclusões. — Não há outro lugar, estamos todos no mesmo saco.

Como era elegante e ambicioso e dançava muito bem a *plena* nos salões dominicanos do Harlem hispânico de Manhattan, Durán fora trabalhar como animador no Pelusa Dancing, um café dançante da rua 122 East, em meados dos anos 60, quando acabava de completar vinte anos. Subiu depressa porque era rápido, porque era divertido, porque estava sempre bem-disposto e era leal. Em pouco tempo começou a trabalhar nos cassinos de Long Island e Atlantic City.

Todos no povoado se lembravam do assombro que sentiam ao ouvi-lo contar sua vida no bar do Hotel Plaza, tomando *gin-tonic* e comendo amendoim, em voz baixa, como se aquilo fosse uma confidência particular. Ninguém sabia com certeza se as histórias eram verdadeiras, mas ninguém se importava com esse detalhe e todos o escutavam, agradecidos com o fato de ele se abrir com os provincianos que moravam no mesmo lugar onde haviam nascido e onde seus pais e avós haviam nascido e que só conheciam o estilo de vida de sujeitos como Durán pelo que viam no seriado policial de Telly Savalas, que passava na televisão todo sábado à noite. Durán não entendia por que eles queriam escutar a história de sua vida, que era igual à história da vida de qualquer pessoa, disse. “Não são tantas as diferenças, na parte do dinheiro”, dizia Durán. “Só o que muda são os inimigos.”

Depois de algum tempo no cassino, Durán ampliara seu horizonte conquistando mulheres. Desenvolvera um sexto sentido para adivinhar a riqueza das damas e diferenciá-las das aventureiras que estavam ali para caçar algum passarinho endinheirado. Pequenos detalhes atraíam sua atenção: certa cautela ao apostar, o olhar deliberadamente distraído, certo descuido na maneira de vestir e um uso da linguagem que ele imediatamente associava a

abastança. Quanto mais dinheiro, mais lacônicas, era sua conclusão. Tinha classe e habilidade para seduzi-las. Sempre as contradizia e enfrentava, mas ao mesmo tempo tratava-as com um cavalheirismo colonial que aprendera com os avós da Espanha. Até que em certa noite do início de dezembro de 1971 em Atlantic City conheceu as gêmeas argentinas.

As irmãs Belladona eram filhas e netas dos fundadores do povoado, imigrantes que haviam construído sua fortuna quando acabou a guerra contra o índio e que possuíam campos na região de Carhué. Seu avô, o coronel Bruno Belladona, chegara com a estrada de ferro e comprara terras que agora eram administradas por uma empresa norte-americana, e seu pai, o engenheiro Cayetano Belladona, vivia recluso no casarão da família, afigido por uma estranha enfermidade que o impedia de sair mas não de controlar a política do povoado e do distrito. Era um homem desditoso que só sentia devoção pelas duas filhas mulheres (Ada e Sofía) e que tivera um conflito grave com os dois filhos homens (Lucio e Luca), os quais apagara de sua vida como se nunca tivessem existido. A diferença entre os sexos era a chave de todas as tragédias, pensava o velho Belladona quando estava bêbado. As mulheres e os homens são espécies diferentes, como os gatos e os gaviões: como é possível que alguém pretenda que convivam? Os homens querem matar você e matar-se uns aos outros, e as mulheres querem se enfiar na sua cama ou, não podendo, enfiar-se juntas em qualquer cama na hora da sesta, delirava um pouco o velho Belladona.

Casara-se duas vezes e tivera as gêmeas com a segunda mulher, Matilde Ibarguren, uma dondoca de Venado Tuerto mais louca que um sino, e os rapazes com uma irlandesa de cabelo vermelho e olhos verdes que não aguentara a vida no campo e

fugira primeiro para Rosario e depois para Dublin. O esquisito é que os rapazes haviam herdado a personalidade destrambelhada da madrasta e as garotas eram iguais à irlandesa, ruivas e alegres, e iluminavam o ar quando apareciam. Destinos cruzados, declarava Croce, os filhos herdaram as tragédias cruzadas dos pais. E o escrevente Saldías anotava com cuidado as observações do comissário, tratando de apreender os usos e costumes de seu novo paradeiro. Recém-transferido para o povoado a pedido da fiscalidade, que tratava de controlar o comissário excessivamente rebelde, Saldías admirava Croce como se ele fosse o maior *pesquisista*\* da história argentina, e recebia com seriedade tudo o que lhe dizia o comissário, que às vezes, de brincadeira, o chamava logo de Watson.

De toda maneira, as histórias de Ada e Sofía de um lado e Lucio e Luca de outro mantiveram-se apartadas durante anos, como se eles fizessem parte de tribos diferentes, e só convergiram quando Tony Durán apareceu morto. Houvera uma história de dinheiro e parece que o velho Belladona tinha uma conexão qualquer com uma transferência de fundos. O velho ia uma vez por mês a Quequén para acompanhar os embarques dos grãos que exportava e pelos quais recebia uma compensação em dólares que o Estado lhe pagava sob pretexto de manter os preços internos estáveis. Ensinou o próprio código moral às filhas e deixou-as fazer o que quisessem e criou-as como se fossem seus únicos filhos homens.

Desde pequenas as irmãs Belladona foram rebeldes, foram audazes, competiam o tempo todo uma com a outra, com determinação e alegria, não para diferenciar-se, mas para acentuar a simetria e saber até que ponto eram realmente iguais. Saíam a ca-

\* *Pesquisa* era o nome com que na época se designava o policial que não usava uniforme.

valo, à noite, no inverno, pelo campo orvalhado para conferir a situação; embarafustavam pelos caranguejais das margens; banhavam-se nuas na laguna bravia que dava nome ao povoado e caçavam patos com a escopeta de dois canos que o pai comprara para elas quando completaram treze anos. Eram, como se costuma dizer, muito desenvolvidas para a idade, de modo que ninguém estranhou quando — quase de um dia para o outro — pararam de caçar e de andar a cavalo e de jogar futebol com os peões e se transformaram em duas senhoritas de sociedade que mandavam fazer roupas idênticas numa boutique inglesa da capital. Em seu devido tempo foram estudar agronomia em La Plata, por vontade do pai, que queriavê-las tomando conta dos campos o mais depressa possível. Dizia-se que estavam sempre juntas, que eram aprovadas facilmente nos exames porque conheciam o campo melhor que os professores, que trocavam de namorado uma com a outra e que escreviam cartas à mãe para recomendar livros e pedir dinheiro.

Nesse momento o pai sofreu o acidente que o deixou semi-paralítico e elas abandonaram os estudos e voltaram para o povoado. As versões sobre o que acontecera com o velho eram variadas: que o cavalo o derrubara ao assustar-se com uma nuvem de gafanhotos vinda do norte e que ele passara a noite inteira atirado no meio do campo, com o rosto e as mãos cobertos pelas patas serrilhadas dos bichos; que tivera uma síncope quando estava trepando com uma paraguaia no prostíbulo da Vesga e que a garota lhe salvara a vida porque, quase sem dar-se conta, continuara fazendo respiração boca a boca nele; ou ainda — ao que diziam — porque uma tarde ele descobrira que alguém muito próximo — não quis imaginar que fosse um dos filhos homens — o estava envenenando com pequenas doses de um líquido para matar carapatos misturado ao uísque que tomavam ao cair da tarde na varanda florida da casa. Parece que quando se deram

conta o veneno já fizera parte do trabalho e que pouco depois ele já não conseguia mais caminhar. A verdade é que logo em seguida eles deixaram de ser vistos no povoado (as irmãs e o pai). Ele, porque se enfiou em casa e quase não saía, e elas porque, depois de passar dois meses cuidando do pai, cansaram-se de ficar trancadas e resolveram viajar para o exterior.

Diferentemente de todas as amigas, não foram para a Europa mas para a América do Norte. Passaram algum tempo na Califórnia e depois atravessaram o continente de trem, numa viagem de várias semanas, com longas paradas em cidades intermediárias, até que no início do inverno do Norte chegaram à costa Leste. Durante a viagem dedicaram-se principalmente a jogar nos cassinos dos grandes hotéis e a viver à larga, oferecendo o show-zinho costumeiro das herdeiras sul-americanas em busca de aventuras na terra dos arrivistas e dos novos-ricos do mundo.

Essas eram as notícias das irmãs Belladona que chegavam ao povoado. As novidades vinham com o trem postal noturno, que deixava a correspondência em grandes sacos de lona atirados na plataforma da estação — e era Sosa, o encarregado da agência do correio, que reconstruía o itinerário das meninas pelo carimbo estampado nos envelopes dirigidos ao pai delas —, e eram enriquecidas pelo relato detalhado dos viajantes e representantes comerciais que se integravam às tertúlias do bar do hotel e relatavam os boatos que circulavam sobre as gêmeas entre suas condiscípulas de La Plata, para quem — ao que parece — elas alardeavam — de longe, por telefone — as conquistas e descobertas norte-americanas.

Até que, em fins de 1971, as irmãs chegaram à região de Nova York e pouco depois, num cassino de Atlantic City, conheceram o agradável jovem escuro de origem incerta que falava um espanhol que parecia saído da dublagem de um seriado de televisão. No início, Tony Durán frequentara as duas pensando que

fossem uma só. Esse era um sistema de diversão que as irmãs praticavam desde sempre. Era como ter um duplo que fizesse as tarefas desagradáveis (e as agradáveis), e assim elas se revezaram em todas as coisas da vida, e na verdade — diziam no povoado — haviam feito metade da escola, metade do catecismo e até metade da iniciação sexual. Estavam sempre sorteando qual das duas ia fazer o que precisavam fazer. “É você ou sua irmã?” era a pergunta mais frequente no povoado toda vez que uma delas aparecia num baile ou no refeitório do Club Social. Muitas vezes a mãe, *dueña* Matilde, tinha de atestar que uma das duas era Sofía e a outra Ada. Ou o oposto. Porque a mãe era a única pessoa capaz de identificá-las. Pelo jeito de respirar, dizia.

A paixão das gêmeas pelo jogo foi a primeira coisa que atraiu Durán. As irmãs estavam habituadas a apostar uma contra a outra, e ele entrou naquela partida. A partir dali dedicou-se a seduzi-las — ou elas se dedicaram a seduzi-lo —, e andavam sempre juntos — iam dançar, cear, ouvir música — até uma delas insistir em ficar algum tempo mais tomando alguma coisa no bar do cassino enquanto a outra se desculpava e ia dormir. Ficava com Sofía, com a que dissera que era Sofía, e as coisas funcionaram bem durante vários dias.

Mas uma noite, quando estava na cama com Sofía, entrou Ada e começou a tirar a roupa. E assim começou a semana tempestuosa que os três passaram nos motéis próximos da costa de Long Island, no inverno gélido, dormindo e viajando os três juntos e divertindo-se nos bares e pequenos cassinos que funcionavam quase sem clientes porque estavam fora de temporada. O jogo a três era duro e brutal, e o cinismo é o que há de mais difícil de suportar com indulgência. A perdição e o mal alegram a vida, mas pouco a pouco chegam os conflitos. As duas irmãs, de comum acordo, faziam-no falar demais e ele por sua vez armava intrigas com as mulheres, uma contra a outra. A mais frágil ou mais

sensível era Sofía, e ela foi a primeira a abdicar. Uma noite abandonou o hotel e voltou para Buenos Aires. Durán seguiu viagem com Ada e os dois passaram pelos mesmos hotéis e os mesmos cassinos que já haviam frequentado, até que uma noite resolvem voltar para a Argentina. Durán despachou-a na frente e pouco depois foi atrás.

— Mas ele veio por causa delas? Não creio. Também não veio pelo dinheiro da família — disse o comissário, e parou para acender o charuto apoiando-se no balcão enquanto Madariaga limpava os copos. — Veio porque nunca ficava sossegado, porque não conseguia parar quieto, porque estava procurando um lugar onde não o tratassesem como um cidadão de segunda. Veio para isso, e agora está morto. No meu tempo as coisas eram diferentes. — Olhou para todos e ninguém falou nada. — Não precisava aparecer um falso gringo meio latino, meio mulato, para complicar a vida de um pobre comissário do interior feito eu.

Croce nascera e se criara na área, tornara-se policial na época do primeiro peronismo e desde então estava no cargo — sem contar o interregno depois da revolução do general Valle, em 1956. — Nos dias que precederam o levante, Croce se dedicara a sublevar os comissariados da região, mas ao saber que a rebelião fracassara saiu andando pelos campos feito morto, falando sozinho e sem dormir, e quando o encontraram já havia virado outro. O comissário ficara grisalho da noite para o dia em 1956, ao tomar conhecimento de que os militares tinham fuzilado os operários que haviam se sublevado para pedir o regresso de Perón. Cabelo branco, cabeça atrapalhada, ele se trancara em casa e passara meses sem sair. Perdeu o cargo na ocasião, mas foi reintegrado durante a presidência de Frondizi, em 1958, e desde então ficou firme, apesar de todas as reviravoltas políticas. Tinha o apoio do velho Belladona, que, ao que dizem, sempre o defendeu, embora os dois andassem afastados.